

# TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE E O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO DAS PESSOAS MÚLTIPLAS: O DIAGNÓSTICO, SUA HISTÓRIA E SEUS EFEITOS

*Luiza Souza Rocha*<sup>1</sup>

*Thales Alberto Fonseca Vicente*<sup>2</sup>

**RESUMO:** O transtorno dissociativo de identidade é um assunto muito recente na mídia e com um crescente interesse por parte dos profissionais da psicologia e da psiquiatria. Por ser considerado raro e de difícil diagnóstico devido aos seus sintomas estarem frequentemente associados a outros transtornos, ainda há um crescente estigma e uma grande lacuna acerca de sua origem e de como é o funcionamento psíquico da pessoa com TDI. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo investigar a origem traumática do transtorno dissociativo de identidade e analisar o funcionamento psíquico na vida diária das pessoas múltiplas a fim de complementar os estudos já realizados sobre o tema e fornecer uma pesquisa mais aprofundada para a realização de diagnósticos mais eficazes. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica que toma a psicanálise como uma de suas principais bases para compreender a origem e desenvolvimento do transtorno, e trabalhos publicados que abordam a forma que a pessoa múltipla se entende e mantém sua vida funcional. Além disso, foram utilizados autores diversos que escrevem sobre o tema do TDI e como critérios de busca, Scielo e Pepsic, que encontrou poucos resultados, sendo necessário procurar por trabalhos publicados em inglês em diversos tipos de mídia. Por fim, este trabalho propõe maior compreensão a respeito do tema a partir do entendimento da origem, desenvolvimento e funcionamento interno das pessoas que vivenciam a multiplicidade.

**Palavras-chave:** transtorno dissociativo de identidade; trauma; funcionamento psíquico; psicanálise.

**ABSTRACT:** Dissociative identity disorder is a recent subject with a growing interest among psychology and psychiatry professionals. As it is considered rare and difficult to diagnose due to symptoms being frequently associated with other disorders, there is still a growing stigma and large gap about the origin of the disorder and the psychic functioning of person with DID. In this way, the presente work aims to investigate the traumatic origin of dissociative identity disorder and analyze the psychic functioning in the daily lives of multiple person in order to complemente the carried out studies about the topic and provide more in-depth research to do more effective diagnoses. To this end, a bibliographic review was carried out that takes psychoanalysis as one of its main bases to understanding the origin and development of the disorder, and works that understand the way that multiple person understand themselves and keeps your life functional. Moreover, diferent authors who write on the topic of DID were used

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: rochaluiza126@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), professor do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: thales.vicente@uniptan.edu.br

and Scielo and Pepsic as search criteria, which found few results, being necessary to search for works published in English in different types of media. Finally, this work purposes greater understanding of the topic based on the understanding of the origin, development and internal function of people who experience multiplicity.

**Keywords:** dissociative identity disorder, trauma, psychic functioning; psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco principal abordar o transtorno dissociativo de identidade (TDI) de forma detalhada a fazer entender os aspectos internos que tornam a vida da pessoa múltipla<sup>3</sup> mais funcional no dia a dia.

O transtorno dissociativo de identidade, conhecido como transtorno de personalidade múltipla, terminologia que foi substituída nas versões posteriores ao DSM-III, é um transtorno caracterizado, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição (2014), pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos. Em outras palavras, a ruptura da identidade do indivíduo que envolve descontinuidade no senso de si mesmo e das próprias falas e ações. Estas identidades se alternam entre si e podem se apresentar com nomes e idades diferentes da do indivíduo.

Apesar de essa ser uma característica comum a todas as pessoas com o transtorno, há ainda muitos sintomas dos quais desconhecemos. Pela complexidade do transtorno dissociativo de identidade e pela sua raridade, os sintomas manifestados podem ser muitas vezes associados a outros transtornos, o que pode levar a falhas e demora no diagnóstico.

Sendo assim, o tema aqui apresentado é, ainda atualmente, recheado de estigmas e preconceitos, e isso se deve a diversos fatores, entre eles: a falta de representatividade fidedigna na mídia e a lacuna de estudos aprofundados sobre o transtorno. Desta forma, também há desconhecimento acerca do funcionamento psíquico da pessoa que vivencia o transtorno e também como se manifesta na vida diária do indivíduo. Em outras palavras, de que forma uma pessoa com TDI – ou uma pessoa múltipla – manifesta seus sintomas externamente e como é seu funcionamento interno. Partindo desse ponto, o trabalho aqui apresentado conta com a colaboração da psicanálise para entender o processo traumático que dá origem ao transtorno, assim como mencionam Almeida Benedetti e Ribeiro (2020, p. 5-6) ao afirmarem que se trata de um transtorno com grande base em experiências traumáticas.

Neste sentido, o trabalho apresentado se justifica pela escassez de material publicado que explicam com a devida exatidão o que é o transtorno e como é o seu real funcionamento na vida diária das pessoas ditas múltiplas. Há também um grande estigma acerca do transtorno e o modo como ele se manifesta nos indivíduos. Desta forma, a pesquisa também contribui para um conhecimento maior para que haja entendimento de um transtorno real e que precisa de

---

<sup>3</sup> Pessoas múltiplas ou plurais são aquelas que têm um senso múltiplo de si, uma percepção não singular ou não unificada de seu self.

atenção e menos dificuldade de lidar com o tema. Esta pesquisa também serve como um complemento aos estudos iniciais sobre o transtorno dissociativo de identidade.

Como objetivo central, este artigo pretende investigar a origem do transtorno dissociativo de identidade e analisar o funcionamento psíquico na vida diária das pessoas múltiplas. Sendo assim, será possível compreender a história, o desenvolvimento e os efeitos do transtorno dissociativo de identidade, podendo relatar mais especificamente como esse transtorno se manifesta no cotidiano e de que forma ele se estrutura para uma vida funcional do sujeito.

## **MÉTODOS E PROCEDIMENTOS**

O método utilizado para esta pesquisa contou com uma revisão narrativa de literatura de caráter qualitativo. De acordo com Rother (2007, p. 1), revisão narrativa de literatura trata-se de “publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto”. Para esta autora, este método se constitui de análise da literatura publicada, em diferentes veículos, sobre o determinado assunto em interpretação e análise crítica e pessoal do autor.

Este trabalho contou com pesquisas sobre traumas na literatura psicanalítica, críticas ao DSM, a patologização e dificuldade de diagnóstico para transtorno dissociativo de identidade e como é seu funcionamento interno. Para isso foi utilizado o livro manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (5ª edição), artigos sobre dissociação e transtornos dissociativos, teses de doutorado, trabalhos de conclusão de curso e busca pelos termos “dissociação”, “transtornos de personalidade”, “transtornos dissociativos” e “transtorno dissociativo de identidade”. A busca pelos termos nos periódicos Scielo e Pepsic não encontrou muitos resultados, sendo necessária também a busca pelos mesmos termos em inglês, bem como a tradução dos artigos para esta pesquisa para a complementação do estudo. A fonte de língua inglesa mais utilizada para contemplar o tema aqui abordado foi o *site DID Research*, com objetivo de preencher lacunas e tornar mais acessível os recursos relativos ao trauma e à dissociação.

Também foram utilizados artigos e literaturas sobre traumas na visão psicanalítica, mecanismo de defesa e recalque para melhor compreender a origem do transtorno dissociativo de identidade e o seu desenvolvimento, já que se trata de um transtorno com base em experiências traumáticas.

## ESTADO DA ARTE DO TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE

Comumente conhecido como transtorno de múltiplas personalidades, passou a incorporar a categoria de transtornos dissociativos com o nome de “transtorno dissociativo de identidade” a partir da quarta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, que é caracterizado como uma ruptura da identidade que se mostra pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos, descrito em algumas culturas como uma experiência de possessão (Associação Americana de Psiquiatria, 2014).

Para melhor compreender e em uma tentativa de explicar o que ocorre internamente com o indivíduo com o transtorno, o DSM (2014), em sua quinta edição, apresenta cinco categorias diagnósticas:

[...] Indivíduos com transtorno dissociativo de identidade sofrem: a) intrusões recorrentes inexplicáveis em seu funcionamento consciente e no senso de identidade própria (p. ex., vozes; ações e falas dissociadas; pensamentos, emoções e impulsos intrusivos), b) alterações do senso de identidade própria (p. ex., atitudes, preferências, e sentir como se o corpo ou as ações não lhes pertencessem), c) mudanças bizarras da percepção (p. ex., despersonalização ou desrealização, como sentir-se distanciado do próprio corpo enquanto se corta) e d) sintomas neurológicos funcionais intermitentes. O estresse, muitas vezes, produz exacerbação transitória dos sintomas dissociativos, o que os torna mais evidentes (2014, p. 292).

Outros estudiosos, no entanto, tentam descrever com mais clareza o funcionamento interno do indivíduo que vivencia este transtorno. Em seu *site* direcionado a compartilhar informações pertinentes sobre o transtorno dissociativo de identidade, Reuben<sup>4</sup> (2017) tenta descrevê-lo e explicá-lo com mais clareza ao apresentar os sintomas comuns. A autora apresenta diversos sintomas presentes no transtorno, como amnésia dissociativa, estado de transe, despersonalização e desrealização, *flashbacks*, pensamentos e impulsos intrusivos, além de outros transtornos comórbidos. Entre eles, também menciona o transtorno de estresse pós-traumático como comum a todos os indivíduos com TDI. Os sintomas detalhados ajudam a melhor compreender e encaminhar a um diagnóstico mais certo.

Esta mesma autora lista os transtornos que são comumente associados a pessoas múltiplas, sendo muitas vezes diagnósticos errôneos ou feitos precipitadamente. Desta forma,

---

<sup>4</sup> Katherine Reuben é uma doutoranda em promoção da saúde e comportamento na *Georgia State University*. A autora possui diversos trabalhos focando na prevenção dos maus tratos infantis, exploração sexual comercial e compreensão e tratamento da dissociação pós-traumática. É membro da Sociedade Internacional para Estudos de Estresse Traumático e da Sociedade Internacional para o Estudo de Trauma e Dissociação. Seus trabalhos sobre Transtorno Dissociativo de Identidade em seu *site DID Research* serão uma importante contribuição para o estudo aqui apresentado.

destaca que o TDI é geralmente confundido com transtornos como transtorno de estresse pós-traumático, transtorno depressivo, transtorno de ansiedade, transtorno de personalidade borderline ou transtornos de humor e transtornos psicóticos. Esta pluralidade mostra o quanto o transtorno ainda é desconhecido e pouco diagnosticado.

É de se entender também a presença de depressão, ansiedade e/ou baixa auto-estima, já que, como escrevem Almeida, Benedetti e Ribeiro (2020):

Existem poucos estudos sobre os efeitos de longa data do transtorno dissociativo de identidade, as consequências mais conhecidas se misturam um pouco com os próprios sintomas: dificuldade na integração da memória, senso de identidade distorcido, entre outros aspectos da consciência. [...] Primeiramente, por ser um transtorno com grande base em experiências traumáticas, os impactos emocionais são tremendos, sendo assim, não é raro que um indivíduo com TDI também apresente depressão, ansiedade e/ou baixa auto-estima (Almeida; Benedetti; Ribeiro, 2020, p. 5-6).

A causa do TDI não é totalmente compreendida, mas a comunidade científica acredita que está relacionada a experiências traumáticas na infância, como abuso físico, sexual ou emocional. De acordo com Spiegel (2015, n.p), o “Transtorno dissociativo de identidade geralmente ocorre em pessoas que experimentaram trauma ou estresse opressivo durante a infância.”. Desta forma, podemos compreender o trauma infantil como o precursor do transtorno.

Citado por Martinez (2018, p. 6), Frank Putnam (1997) escreve que toda criança tem potencial para criar outras identidades. Segundo ele, o bebê e a criança tentam consolidar sua identidade e sua personalidade, portanto quando há um trauma, há a falha em juntar as partes em uma só. Esta falha gera as diferentes identidades em um corpo só, também chamadas de *alters*<sup>5</sup>.

Neste sentido, Martinez (2018, p. 6) também escreve que “estudos etiológicos apontam questões traumáticas na primeira infância como principal fator causador da dissociação anormal da consciência”. Isto significa dizer que um acontecimento forte o suficiente para gerar algum trauma para a criança faria com que viesse a necessidade da divisão da consciência, em outras palavras, a criação de identidades alternativas à original.

Sobre as consequências funcionais, o prejuízo em diversas áreas da vida pessoal varia bastante. Almeida, Benedetti e Ribeiro (2020) escrevem que os sintomas do transtorno podem comprometer suas funções relacionais, sendo conjugais, familiares e parentais. Normalmente,

---

<sup>5</sup> Alter é a parte dissociada da identidade original. Uma identidade alternativa capaz de lidar com os traumas e estressores da vida da pessoa múltipla.

os indivíduos apresentam estas dificuldades durante toda a sua vida, podendo afetar a vida social e sexual em decorrência dos traumas sofridos na infância.

Miranda (2015, p. 7) também escreve que “a dissociação defensiva crônica pode levar a sérias disfunções no trabalho, social e mesmo nas atividades diárias”, reforçando a ideia de que os sujeitos com TDI podem ter suas áreas funcionais diárias, de alguma forma, comprometidas.

Se tratando do diagnóstico, Forte *et al.* (2021) esclarecem o papel da psiquiatria e da psicologia no diagnóstico de TDI. De acordo com os autores, o transtorno pode apresentar causas diversas e uma quantidade grande de sintomas e as duas ciências têm visões controversas, fazendo com que o diagnóstico seja difícil. A busca pelo diagnóstico é ainda algo em andamento, não existindo testes ou exames que comprovem a multiplicidade em uma pessoa.

## **DIFICULDADE DE DIAGNÓSTICO**

O motivo para o surgimento de um manual como o DSM é, justamente, propor uma psicopatologia que categorize indivíduos com sofrimento mental e os coloque em caixas diagnósticas a fim de tratar o adoecimento, adquirindo um sentido medicalizante. Para compreender o motivo das dificuldades de um diagnóstico certo e eficaz para o transtorno dissociativo de identidade é importante pensar que esta advém da história do DSM e como ele se desenvolveu.

A psicopatologia se desenvolveu a partir de uma relação entre psicanálise e psiquiatria, entretanto ambas têm objetivos diferentes. Não era a preocupação da psicanálise, por exemplo, a construção de um sistema de classificação de grupos psicopatológicos, o que era de interesse da psiquiatria. Esse desgaste da relação entre psicanálise e psiquiatria, conforme Dunker e Kyrillos Neto (2015, p. 155), foi se mostrando nas seguintes versões do manual (DSM-III em diante), na perceptível retirada e substituição de categorias psicanalíticas por “entidades propriamente psiquiátricas”. Paulatinamente,

[...] o diagnóstico vai cada vez mais prescindindo de uma referência ontológica para tornar-se um sistema de códigos convencional, enquanto que o psicodinamismo da etiologia conversiva é excluído e substituído por um enfoque neo-organizacionista (Fonseca, 2018, p. 108).

O DSM-V não propõe um modelo explicativo para o transtorno dissociativo de identidade e, em sua natureza, ignora dimensões importantes como o ambiente e como ele se estrutura de acordo com a cultura. O manual coloca os transtornos como uma perturbação que deve ser catalogada e categorizada (Calazans; Kyrillos Neto, 2012). Os mesmos autores tecem críticas ao DSM e a constante patologização que o Manual promove. Ao propor uma falsa neutralidade e pensado como um manual de comunicação entre profissionais, segue a psiquiatria e privilegia uma forma de tratamento pela categorização dos indivíduos.

Neste sentido, também podemos afirmar que o diagnóstico nosológico, conforme escrevem Dunker e Kyrillos Neto (2015) não exprime a complexidade da condição do paciente. Esse tipo de diagnóstico coloca o paciente em uma categoria comum com os demais indivíduos incluídos no mesmo conjunto, sem considerar dimensões importantes da vida do sujeito, como fatores sócio-culturais. É preciso pensar no sujeito como um ser em constante interação com o mundo, e desta forma, constrói sua identidade, seu comportamento, crenças e valores.

Para Maraldi (2014), há constantes críticas à dificuldade de diagnóstico do transtorno dissociativo de identidade, o que se deve não apenas a sua constante associação a outros transtornos psicológicos, mas a falta de instrumentos para comprovar os sintomas dissociativos. Sendo assim, o que seria, então, o melhor instrumento senão os relatos dos sujeitos?

De acordo com Dal'pizol *et al.* (2015, p. 33-34), para o diagnóstico de TDI, é preciso entrevistas diagnósticas que investiguem sobre a dissociação e entrevistas estruturadas que avaliem sintomas dissociativos quando forem necessárias. Não há instrumentos específicos para detectar e quantificar sintomas dissociativos.

Maraldi (2014), ao relatar um caso em Rhode Island, nos Estados Unidos, sobre um homem que levava sua vida aparentemente normal, mas que, certo dia, abandonou sua residência e viajou longas distâncias, vivendo como se fosse outra pessoa até um dia recobrar sua identidade original, explica a existência de um ceticismo com relação aos transtornos psicológicos, principalmente amnésia dissociativa, demonstrada pelo indivíduo no relato:

Por ser um caso antigo e bastante peculiar, o relato de Ansel Bourne tende a causar ceticismo, talvez suscitando questionamentos acerca da existência de fenômenos dessa espécie. É difícil saber, por exemplo, se ele realmente manifestou amnésia para os eventos ocorridos durante dois meses ou se apenas simulou ter se esquecido de tudo por outras razões que nos são desconhecidas. Essa foi e permanece sendo uma crítica a muitos casos de fuga dissociativa e personalidade múltipla; contudo, ela poderia ser estendida, de fato, a qualquer fenômeno ou transtorno psicológico, e até mesmo a certos sintomas físicos de difícil localização ou averiguação médica, o que tornaria esse tipo de raciocínio inviável e extremado (Maraldi, 2014, p. 111).

Outro aspecto relacionado à dificuldade de diagnóstico é a quantidade de sintomas presentes e grande possibilidade de apresentar outros transtornos como comorbidade. Almeida, Benedetti e Ribeiro (2020, p. 6) escrevem o quão importante é a discussão acerca da dificuldade de diagnóstico, que diz respeito a indivíduos que, muitas vezes, acabam recebendo tratamento para o transtorno comórbido ou até mesmo recebem diagnóstico errado. Isso, para os autores, acaba retardando o tratamento correto.

É importante, portanto, entender que a diferença entre a psicopatologia e a clínica psicanalítica aqui mencionada é que o diagnóstico psicopatológico está pautado no fenômeno, na mera descrição de sintomas. Como escrevem Figueredo e Tenório (2002), a psiquiatria foca sua terapêutica em uma intervenção psicofarmacológica, já a clínica psicanalítica foca no “mais-além dos fenômenos”.<sup>6</sup> Neste sentido, a psicanálise cria condições para que a intervenção com o sujeito vá mais além de propor um diagnóstico pautado exclusivamente no sintoma. Entender o funcionamento do sujeito permite que ele não apenas consiga levar uma vida funcional na sociedade, mas perceber seus sintomas como algo mais-além.

Portanto, não se trata apenas de dizer que a fala do paciente está presente na apresentação psicanalítica e ausente na psiquiátrica (na psiquiatria mais fiel à tradição clínica, a fala do paciente também está presente). Trata-se de que na apresentação (entrevista) psicanalítica, essa fala é produzida, num certo registro da transferência, no registro de um certo endereçamento. Aí reside a tentativa do mais-além dos fenômenos. O mais-além dos fenômenos é a relação, a posição diante do outro. (Figueredo; Tenório, 2002, p. 42).

## **TRAUMAS INFANTIS E A ORIGEM DO TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE**

Como mencionado anteriormente neste trabalho, pode-se afirmar certo consenso entre psicólogos e psiquiatras sobre os fatores traumáticos na infância associados à origem do transtorno dissociativo de identidade. Há um embate científico sobre a sua origem, sendo o modelo mais aceito o modelo pós-traumático que, de acordo com Almeida, Benedetti e Ribeiro (2020, p. 2), é o mais encontrado nos estudos.

Os mesmos autores apontam dois modelos explicativos: o modelo pós-traumático e o modelo sociocognitivo. O primeiro retrata o TDI como um transtorno resultante de traumas na infância em que o indivíduo não pôde responder ou escapar. Este modelo é o mais encontrado

---

<sup>6</sup> Os autores definem o “mais-além dos fenômenos” como a relação, a posição diante do outro. A fala do paciente na clínica psicanalítica produz uma tentativa de ir mais além do sintoma, isto é, também as implicações do sujeito em seu sintoma.

nos estudos de caso sobre o TDI. O modelo sociocognitivo, com a perspectiva do transtorno como um fenômeno sócio-cultural, coloca que os indivíduos, sem intenção, agem como se tivessem várias identidades.

Maraldi (2014), em seu livro “Dissociação, crença e identidade: uma perspectiva psicossocial” corrobora com a visão pós-traumática e aborda o transtorno desde seus primórdios históricos em que o mesmo não era classificado como tal, apontando com detalhes o surgimento, sintomas e críticas acerca da forma de diagnóstico e o ceticismo ainda existente na sociedade que descredibiliza a multiplicidade. De acordo com o autor:

O fator etiológico clássico no diagnóstico do TDI é a presença de algum abuso físico ou sexual na infância [...]. A criação e manutenção das personalidades alternativas constituiria um mecanismo complexo de defesa contra o abuso, em que a personalidade biograficamente dominante negaria e reprimiria o evento, dele se esquecendo (amnésia), mas deixando-o cativo, no entanto, com outras personalidades. (Maraldi, 2014, p. 117-118).

Faria (2007, p. 40) também escreve que a essência da personalidade múltipla é a presença de traumas. Para o autor, “tais traumas desencadeiam processos dissociativos, patológicos em graus diversificados e, conseqüentemente, a emersão de estados alterados de consciência, personalidades alternativas, egos distintos, *alters*”. Em seu trabalho, ele também alerta que é importante também dizer que nem sempre os processos traumáticos resultam em identidades múltiplas. Existem diferentes formas de defesa, assim como outras patologias (fuga dissociativa, transtornos de personalidade, dentre outros) em que existe a dissociação.

Para compreender o fenômeno do transtorno dissociativo de identidade, é importante explicar o conceito de trauma e, conseqüentemente, o conceito de defesa. Ambos os conceitos psicanalíticos conseguem explicar de que forma os afetos aflitivos dão origem a certas formas de sofrimento. Primeiro é importante entender o processo que gera um trauma e a forma que o aparelho psíquico age sobre ele e neste sentido, Garcia-Roza (1995) remonta detalhadamente e, de forma bem didática, as ideias de Freud até a construção de conceitos importantes utilizados neste trabalho.

É entendido como trauma a ideia de excitações muito intensas que podem ser de fonte externa ou interna, de afeto tão aflitivo e que foge à representação consciente (Freud, 1996).

Desse modo, essa ideia considerada intolerável precisa ser recalçada<sup>7</sup> e ligada a uma representação mais aceitável. Sobre seus pacientes, ainda escreve:

Esses pacientes que analisei, portanto, gozaram de boa saúde mental até o momento em que *houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa* - isto é, até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento (Freud, 1996, p. 26).

Em seu livro intitulado “Introdução à metapsicologia Freudiana”, Garcia-Roza (1995, p. 169) remonta a ideia de trauma e defesa anteriormente dita por Freud ao falar sobre resistência. Segundo o autor, “a defesa surge, desta forma, como uma censura do eu do paciente à ideia ameaçadora, forçando-a a se manter fora da consciência.” Enquanto trauma é a situação que causa angústia e dor, a defesa é um mecanismo capaz de reduzir o sofrimento, o efeito traumático. Quando falamos de trauma, no caso do transtorno dissociativo de identidade, a fragmentação da identidade em partes dissociadas (*alters*) é um mecanismo de defesa a uma situação traumática vivida pelo indivíduo. Se tratando do transtorno dissociativo de identidade, é frequentemente considerado um mecanismo de defesa psicológica para lidar com traumas intoleráveis, permitindo que a pessoa se desconecte de experiências dolorosas.

Quando falamos sobre um transtorno complexo como o TDI, há estudos que mostram que há a presença de traumas repetitivos ou de longa duração durante a infância, mais frequentemente, de acordo com Reuben (2016), abuso ou negligência infantil. Esta mesma autora relata que é mais fácil para crianças criarem identidades alternadas, pois ainda não tem uma identidade própria e uma história integrada.

Em contrapartida, há outra teoria chamada “teoria da dissociação estrutural da personalidade” postulada pelo psicólogo Van der Hart (2004) que parte do pressuposto que ninguém nasce com uma personalidade integrada, mas que em vez disso a criança funciona como um conjunto solto de diferentes estados de personalidade que tentam lidar com suas necessidades. Com o passar do tempo, esses estados se integram naturalmente em uma única personalidade, mas que uma situação traumática na infância pode perturbar o processo de integração. Este tipo de teoria é diferente da utilizada em muitos estudos sobre o TDI, que dizem que a criança consolida sua personalidade una, e que um trauma faz com que a identidade, uma

---

<sup>7</sup> O recalque é um processo interno ao próprio sujeito entendido como mecanismo de defesa de algo intolerável, uma fuga ao desprazer. Freud entende esse processo como um mecanismo para manter os desejos inadmissíveis fora da consciência.

vez integrada, seja fragmentada. Apesar disso, esta nova teoria está sendo utilizada em pesquisas mais recentes sobre a origem do transtorno dissociativo de identidade.

Compreendendo como o trauma faria a criança criar outras identidades capazes de superar as situações traumáticas repetitivas, é possível então, tomando este ponto de partida, entender a criação dos *alters* e a manutenção deles como um mecanismo de defesa, como dizem Almeida, Benedetti e Ribeiro (2020, p. 7). De acordo com estes autores, a identidade dominante reprimiria e negaria o evento, fazendo com que ele seja esquecido e “preso” com outra identidade (*alter*).

## ALTERS E FUNCIONAMENTO INTERNO

Ao longo deste trabalho, foi apresentado o conceito de *alter* como sendo partes alteradas da identidade considerada original, como forma de mecanismo de defesa e sobrevivência do indivíduo ao trauma. O tópico que se segue propõe mostrar a forma de funcionamento interno da pessoa múltipla tendo como base essas partes dissociadas, ou *alters*.

Sobre as diferentes identidades formadas a partir do trauma, também chamadas de *alters*, Reuben (2016) escreve que essas identidades podem se expressar de diferentes formas, sendo assim pessoas inteiras, identidades. Para a autora:

Externamente, os *alters* podem exibir diferentes graus de expressividade emocional, comportar-se de maneiras diferentes e ter diferentes habilidades e habilidades relacionadas ao funcionamento sensorio motor. Eles têm pensamentos, percepção e memórias diferentes em relação a si mesmos e ao mundo ao seu redor (Reuben, 2016).

As transições entre essas identidades são geralmente acompanhadas por lapsos de memória significativos para eventos, atividades e comportamentos ocorridos durante as mudanças de personalidade. O TDI é uma forma de defesa psicológica, onde a mente fragmenta a personalidade para lidar com situações intoleráveis. Maraldi (2014, p. 117) escreve que esses lapsos de memória, também chamados de amnésia dissociativa, ocorrem devido a eventos ocorridos durante o período em que a pessoa viveu sob o domínio de uma personalidade alternativa, outra identidade, outro *alter*. A amnésia dissociativa é experimentada pelas pessoas múltiplas em sua maioria, entretanto há casos, de acordo com Reuben (2019), em que a pessoa com o transtorno pode experimentar amnésia parcial ou até mesmo nenhuma amnésia. O sintoma de lacunas na memória, experienciado na amnésia dissociativa, é explicado por eventos em que outra identidade ou *alter* viveram enquanto assumiam o comportamento do indivíduo.

Resgatando o momento em que o autor correlaciona amnésia dissociativa com o TDI, Maraldi também explica o motivo do aparecimento de amnésia em sujeitos com o transtorno dissociativo de identidade:

É comum que, em função das alterações de identidades experimentadas, a pessoa seja incapaz de se lembrar de uma parte extensiva de suas vivências relacionadas aos períodos em que se achava sob o domínio de uma personalidade alternativa (amnésia) [...] (Maraldi, 2014, p. 117)

Há um processo de transição entre uma identidade e outra, chamado *switching*, ou troca, podendo durar em torno de segundos e sendo às vezes imperceptível. Esse processo, como escreve Maraldi (2014, p. 117), ocorre geralmente em resposta a eventos estressantes ou estímulos eliciadores de lembranças traumáticas. Se um evento desencadear uma lembrança traumática vivida na infância, há a possibilidade do aparecimento de uma identidade específica mais capaz de lidar com a situação. Entretanto, também, há eventos considerados lembranças positivas, que podem igualmente ocasionar a troca de identidade. Sobre as alterações de identidade, esse processo de mudança pode envolver dissociação, confusão de identidade e dificuldades de memória.

Reuben (2021) consegue explicar de forma mais clara como esse processo de *switching* ou troca pode ser percebido pela pessoa com o transtorno e pelos outros que a cercam:

No seu extremo, isto apresenta-se como uma troca, na qual o indivíduo com TDI/OTDE-1 pode perceber que uma pessoa completamente diferente reside dentro dele e assumiu o seu comportamento ou que se tornou uma pessoa diferente. O indivíduo pode experimentar, ou outros podem notar, uma mudança no nome preferido do indivíduo, na sua noção de quantos anos tem, na sua identidade de gênero ou nas suas preferências, competências e memórias. Até mesmo o tom vocal, a linguagem corporal e a reatividade física ao estresse podem mudar. (Reuben, 2021)

Isto também pode demonstrar que os *alters* são além de personalidades viventes nos indivíduos múltiplos, eles são pessoas inteiras que possuem sua própria forma comportamento e cognição. Corroborando com esta visão, Martinez (2018, p. 8) escreve que cada identidade pode possuir diferentes raças, sexos e idades além de outras características como serem destros ou canhotas.

Falando sobre o funcionamento psíquico, ainda há estudos sendo feitos para explicar de que forma o TDI funciona internamente. Os estudos de Reuben (2021, n.p.) afirmam que

“existem muitas funções e papéis que são comuns para *alters* nos sistemas<sup>8</sup> de indivíduos com transtorno dissociativo de identidade (TDI)”. Esta forma de organização existe para o bom funcionamento interno da pessoa múltipla.

Sobre as funções e papéis comuns aos *alters*, Reuben (2021) complementa que as funções relatadas com frequência por indivíduos com o transtorno são: *Core* (o original ou o que veio primeiro), *Host* (hospedeiro, o que aparece por mais tempo), *Protector* (protetor, uma identidade capaz de lidar com traumas da melhor forma para o corpo), *Persector* (o perseguidor, que na maioria das vezes toma decisões prejudiciais, mas com o objetivo de proteger o corpo), *Introject* (introjeto, identidade baseada em uma pessoa ou figura externa), *Memory holder* (detentor de memórias traumáticas), *Fragment* (um alter não desenvolvido) e *Gatekeeper* (porteiro ou aquele que consegue controlar o aparecimento das identidades). Além das mais comumente relatadas, ainda há outras funções descritas ao longo da literatura. Este tipo de categorização explica detalhadamente e ajuda a entender a forma de funcionamento interno do transtorno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma crescente luta na comunidade múltipla contra a estigmatização e estereotipação do transtorno dissociativo de identidade na mídia, isto porque ainda existem impasses na comunidade científica sobre a origem e critérios diagnósticos para o TDI. (Almeida; Benedetti; Ribeiro, 2020, p. 1)

Como já mencionado neste trabalho, não é raro que um indivíduo com TDI apresente depressão, ansiedade e baixa auto-estima. Almeida, Benedetti e Ribeiro (2020) também descrevem que estes indivíduos podem recorrer ao abuso de substâncias e automutilação. Pela dificuldade de diagnóstico e muitos estigmas e pré-conceitos acerca do transtorno, tentativas de suicídio também são constantes relatos dos indivíduos múltiplos.

Após falar sobre um estudo de caso, Dal’Pizol *et al* apresentam a dificuldade real de um homem que por 10 anos apresentou todos os sintomas para TDI segundo os critérios do DSM-5. Os autores informam o quão comum é pacientes como este serem subdiagnosticados, já que se trata de um diagnóstico raro e difícil, podendo levar anos para ser estabelecido de forma correta. Isto se deve ao fato de existir muita incompreensão a respeito entre os profissionais de

---

<sup>8</sup> É muito comum que as pessoas múltiplas se apresentem como sistemas para os outros. Como afirma esta mesma autora, esse é o nome dado ao conjunto de *alters* em um corpo e o nome sistema dá a ideia de um funcionamento, uma forma de organização interna ao indivíduo com TDI.

saúde mental. A psicopatologia está tendendo a se tornar cada vez mais puramente descritiva, por isso acaba abandonando o modelo explicativo. A importância de se estudar o modo de funcionamento de um determinado transtorno ajuda a compreender não somente a origem, o funcionamento e o desenvolvimento dele, mas também as melhores direções a serem tomadas no tratamento e também a desestigmatização. Não se sabe, entretanto, qual o objetivo final do tratamento, sendo definido apenas pelo desejo do sujeito que recorre à terapia.

Este estudo, por fim, possibilita maior compreensão a respeito do transtorno dissociativo de identidade a partir não somente do entendimento da origem e desenvolvimento, mas também do funcionamento interno das pessoas que vivenciam uma vida múltipla. Isso, portanto, é essencial para a pesquisa e desenvolvimento em psicologia e psiquiatria.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Amanda; RIBEIRO, Arieli; BENEDETTI, Laura. Transtorno dissociativo de identidade: um mecanismo de proteção complexo. **Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial**, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://koan.emnuvens.com.br/psicopato/article/view/38/23>

American Psychiatric Association - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CALAZANS, Roberto. & KYRILLOS NETO, Fuad. DSM: nova versão, velhas questões, antigas pretensões. In: \_\_\_\_\_. **Psicopatologia em debate: controvérsias sobre os DSMs**. Barbacena: EdUEMG, 2012. p. 9 – 14. Disponível em: [https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2012/2012\\_PSICOPATOLOGIA\\_EM\\_DEBATE\\_CONTROVERSIAS SOBRE OS DSMs.pdf](https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2012/2012_PSICOPATOLOGIA_EM_DEBATE_CONTROVERSIAS SOBRE OS DSMs.pdf)

DAL'PIZOL, Adriana. *et al.* Transtorno dissociativo de identidade (múltiplas personalidades): relato e estudo de caso. **Revista debates em psiquiatria**, [s.i], v. 5, n. 2, p. 32-37, mar./abril. 2015. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/173/153>

DUNKER, Christian. & KYRILLOS NETO, Fuad. A psicopatologia entre a psicanálise e psiquiatria. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise e saúde mental**. Porto Alegre: Criação Humana, 2015. p. 153 – 159.

FARIA, Marcelo. **Transtorno Dissociativo de Identidade e Esquizofrenia: uma investigação diagnóstica**. Orientadora: Profa. Dra. Vânia Moraes Ferreira. 2016. 286 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22760/3/2016\\_MarcelodeAbreuFaria.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22760/3/2016_MarcelodeAbreuFaria.pdf)

FIGUEIREDO, Ana Cristina; TENÓRIO, Fernando. O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 29-43, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pC6HnGVLHk7pdmHkkcz8RqJ/?format=pdf&lang=pt>

FONSECA, Thales. **Psicose e CAPS: entre a metapsicologia, a clínica e a política**. Orientador: Prof. Dr. Fuad Kyrillos Neto. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2018. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Dissertacao%20Thales%20final.pdf>

FORTE, Tammy. *et al.* A visão da psicologia e da psiquiatria no fechamento do diagnóstico do Transtorno Dissociativo de Identidade: revisão integrativa da literatura. **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 1, p. 97-111, jan./abril. 2022. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3001/1824>

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud** (v. III). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1894), p. 27-43.

FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud** (v. III). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896), p. 109-127.

GARCIA-ROZA, Luiz. Introdução à Metapsicologia Freudiana, volume 3: Artigos de metapsicologia. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MARALDI, Everton. **Dissociação, crença e identidade**: uma perspectiva psicossocial. Orientador: Wellington Zangari. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-18032015-105415/publico/maraldi\\_original.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-18032015-105415/publico/maraldi_original.pdf)

MARTINEZ, Vitor. **São: histórias da gente**: narrativa interativa sobre o transtorno dissociativo de identidade. Orientador: Marcus Dohmann. 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6881/1/VMartinez.pdf>

MIRANDA, Kaique. Revisão sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade baseado no artigo “The Pfister Test and the dissociative identity disorder” para a análise do filme “O Clube da Luta”. **Neurociências em debate**, Dourados, 22/02/2015. Disponível em: <https://cienciaecognicao.org/neuroemdebate/arquivos/tag/clube-da-luta>

REUBEN, Katherine. **DID Research**, [s.d.], Making the Science of trauma and dissociation more accessible. Disponível em: <https://did-research.org/>

SPIEGEL, David. Dissociative Identity Disorder. **MSD Manual**, [s.d.], The best first place to go for medical information. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/home/mental-health-disorders/dissociative-disorders/dissociative-identity-disorder>